



Capital social étnico e desenvolvimento comunitário: o caso da organização de mulheres indígenas Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij

ALEX PIZZIO

Universidade Federal do Tocantins

Resumo

A promoção do capital social tem se configurado em uma das estratégias mais recorrentes, por parte de governos e organismos internacionais, na busca da superação da pobreza e da diminuição das desigualdades sociais. O objetivo deste artigo é demonstrar, por meio de um estudo de caso, as possibilidades de o capital social de cunho étnico constituir-se em um instrumento de transformação social e, ao mesmo tempo, ser um mecanismo de desenvolvimento comunitário local. Trata-se de um estudo realizado junto à organização de mulheres indígenas Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij em Cuetzalan del Progreso, no México. Os dados aqui apresentados foram obtidos por meio de registros etnográficos durante o primeiro semestre do ano de 2017. Utilizou-se a técnica da observação participante e entrevistas em profundidade. Conclui-se que o capital social étnico é um recurso importante para o desenvolvimento das comunidades na região, uma vez que contribui para uma ampliação plural dos temas que se encontram envolvidos nas políticas e projetos de desenvolvimento, possibilita a inclusão/integração de um maior contingente de atores sociais em processos de gestão local do desenvolvimento, uma maior inclusão/integração dos sujeitos, diminuindo as desigualdades em termos de *status* social, e amplia o campo das oportunidades econômicas.

Palavras-chave: Capital social étnico. Comunidades tradicionais. Desenvolvimento comunitário. Cultura como recurso.

Ethnic social capital and community development: the case of the organisation of indigenous women Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij

Abstract

The promotion of social capital has been set up in one of the most recurring strategies, by the governments and international agencies, in the pursuit of poverty overcoming and the diminution of the social inequalities. The purpose of this article is demonstrate, through case study, the possibilities of ethnic social capital to be set up in a social transformation tool and at the same time being a local community development mechanism. This is a study conducted with indigenous women's organization Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij in

Cuetzalan del Progreso, Mexico. The data presented here were obtained through ethnographic records during the first semester of the year 2017. The technique of participant observation and in-depth interviews was used. It is concluded that ethnic social capital is an important resource for the development of communities in the region, as it contributes to a plural enlargement of the themes that are wrapped in development policies and projects, enables inclusion/integration of a larger contingent of social actors in local development management processes, greater inclusion/integration of subjects, diminishing inequalities in terms of social status, and widens the field of economic opportunities.

Keywords: Ethnic social capital, Traditional communities, Community development, Culture as a resource.

Capital social étnico y desarrollo comunitario: el caso de la organización de mujeres indígenas Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij

Resumen

La promoción del capital social se ha establecido en una de las estrategias más recurrentes, por gobiernos y organismos internacionales, en pos de la superación de la pobreza y la disminución de la desigualdades sociales. El objetivo en este artículo es demostrar, a través del estudio de caso, las posibilidades del capital social étnico que se fijará en una herramienta de transformación social y al mismo tiempo ser un mecanismo de desarrollo local de la comunidad. Este es un estudio realizado con la organización de mujeres indígenas Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij en Cuetzalan del Progreso, México. Los datos presentados aquí se obtuvieron a través de registros etnográficos en el primer semestre del año 2017. Se utilizó la técnica de observación participante y entrevistas en profundidad. Se concluye que el capital social étnico es un recurso importante para el desarrollo de las comunidades en la región, ya que contribuye a una ampliación plural de los temas que se envuelven en las políticas y proyectos de desarrollo, permite la inclusión/integración de un contingente más amplio de actores sociales en los procesos de gestión del desarrollo local, mayor inclusión/integración de los sujetos, disminución de las desigualdades en términos de estatus social, y amplía el campo de las oportunidades económicas.

Palabras clave: Capital social étnico. Comunidades tradicionales. Desarrollo comunitario. Cultura como recurso.

1 Aportes iniciais à compreensão do objeto de estudo

Há muito tempo, a superação das situações de pobreza e de exclusão, seu enfrentamento e as consequências de se vivenciar tais situações, ocupam um lugar privilegiado nos embates das ciências sociais. A forma como esses fenômenos têm sido abordados altera-se em função de concepções político-ideológicas e teórico-metodológicas, com consequências no plano da ação e nas políticas delas derivadas. Conforme a concepção de escolha, a unidade de análise pode variar do plano individual ao coletivo, bem como incluir uma abordagem mais assistencialista ou de empoderamento. Seja por meio de um viés focado na carência econômica, seja através de uma visão multidimensional dos fenômenos, o que se observa é que, na tentativa de superação e equacionamento dessas situações, muito se tem apostado no protagonismo de grupos e/ou comunidades.

Tal perspectiva torna-se relevante, uma vez que, de acordo com Dubet (2003), os atores se definem atualmente por sua experiência social caracterizada entre diferentes lógicas presentes na sociedade, em que muitas vezes essas lógicas se apresentam de maneira contraditória. Daí o fato de que, cada vez mais, constatam-se que “os atores existem lá onde menos se espera encontrá-los” (DUBET, 1996, p. 425). A questão se torna mais complexa quando se observa que os processos transnacionais – como a globalização econômica, política e cultural – têm crescentemente impactado os países latino-americanos, alterando suas dinâmicas sociais e o desenvolvimento da região como um todo. Todavia, segundo esclarece Lopes (2007), a configuração dos modos de produção capitalista atuais não mexeu na estrutura dos processos de exploração do trabalho, mantendo a reprodução profunda das contradições sociais que se assentam sob e sobre os antagonismos estabelecidos na relação propriedade e capital versus força humana e trabalho.

Essa nova configuração escamoteou de forma mais diversificada tal estrutura, uma vez que utilizou, e utiliza, os movimentos mais aparentes da realidade contemporânea para deslocar os eixos de reprodução das relações sociais entre os segmentos, as categorias e grupos de sujeitos com os quais mantém mediações. Por outro lado, na América Latina, observa-se um aumento considerável de políticas públicas voltadas para grupos étnicos como estratégias de desenvolvimento (LIFSCHITZ, 2011). Conforme o autor, a difusão de ações e programas dirigidos à reconstrução de identidades étnicas como mote para o desenvolvimento constitui-se uma questão inédita, tanto do ponto de vista cultural como político. Tal aspecto amplia a importância de se obter um maior entendimento acerca das alternativas gestadas por grupos e/ou comunidades com vistas à superação de situações de pobreza e de subordinação social.

Nesse sentido, chama atenção o fato de alguns grupos recorrerem a dados culturais para fins de promoção de comunidades e/ou grupos. Em estudo realizado junto a comunidades tradicionais, pôde-se observar uma intensificação do uso de elementos étnicos e culturais como recursos de agência, no sentido descrito por Yúdice (2006). Segundo esse autor, a cultura é hoje convocada para resolver problemas que antes pertenciam às áreas econômica e política. A ela atribui-se a resolução de problemas sociais, educacionais e econômicos. A utilização e a reificação desses elementos na esfera pública tem sido uma estratégia importante para a valorização comunitária e a ampliação de redes sociais de cooperação por meio da confiança e da solidariedade. A análise desses processos de interação social indica o surgimento de uma forma de capital social que tem no elemento étnico/cultural um dos seus aspectos centrais (PIZZIO, 2015; PIZZIO; CLETO, 2016; PIZZIO, 2017).

Do ponto de vista do interesse acadêmico, a temática do capital social encontra-se em voga desde a última década do século passado. Embora não se trate de um tema novo, o conceito ganhou destaque com a publicação do livro *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*, de Robert Putnam, e passou a ocupar um lugar privilegiado como objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. Putnam (1996) enfatiza o papel positivo que o capital social, entendido como relações de confiança, cooperação e reciprocidade, desempenha nos processos de desenvolvimento social, econômico e institucional de uma

comunidade, região ou país, uma vez que, por meio da participação, propicia um maior engajamento cívico em torno dessas questões.

Segundo D'Araujo (2003, p. 10), o conceito de capital social “expressa basicamente a capacidade de uma sociedade estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos”. Parte-se aqui dessa definição mais geral e, também, da definição elaborada por Pierre Bourdieu, para quem capital social é “o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento” (BOURDIEU, 1998, p. 67). Consideram-se ainda os estudos realizados por James Coleman, que entende o capital social como um “conjunto de recursos que são inerentes às relações familiares e à organização social comunitária e são úteis para o desenvolvimento social” (COLEMAN, 2011, p. 383).

Segundo Portes (2010), os conceitos de capital social, juntamente com o de redes sociais, converteram-se em mecanismos explicativos de grande importância no campo da sociologia econômica. Nesse sentido, o princípio básico se assenta na ação econômica socialmente orientada. Em sua perspectiva, é nas redes sociais que se incrusta socialmente boa parte da ação econômica e um dos resultados mais destacados dessa incrustação é o capital social. Segundo ele, o capital social é a capacidade para acessar recursos graças à participação ou pertencimento a redes e estruturas sociais mais amplas.

Claramente, essa capacidade surge da incrustação, convertendo-se em uma de suas manifestações mais tangíveis. Aqui, Portes é amplamente tributário a Coleman, que entendia que o capital social de que um indivíduo ou uma comunidade dispõe deriva das redes sociais das quais participam. Esses recursos incluem a informação inerente às relações sociais, às normas e às sanções efetivas para o cumprimento das mesmas e às relações de autoridade. Coleman (2011) entendia os recursos socioestruturais como um bem de capital do indivíduo, ou seja, capital social. Segundo o referido autor, o capital social se define por sua função:

no es una única entidad sino varias entidades que tienen dos características en común: todas ellas consisten en algún aspecto de una estructura social, y facilitan ciertas acciones de los individuos que están dentro de la estructura. Al igual que otras formas de capital, el capital social es productivo y hace posible el alcance de ciertos fines que non podría obtenerse sin él. (COLEMAN, 2011, p. 386).

Como se vê, o capital social faz parte da estrutura de relações de um indivíduo ou de um grupo. Para possuir capital social, uma pessoa ou grupo tem de estar se relacionando com outras ou outros grupos. Como se pode depreender, a estrutura relacional é de suma importância na consecução de objetivos individuais ou coletivos. Em geral, define-se essa estrutura relacional como redes de relacionamentos e/ou cooperação.

Normalmente, tanto os estudos sobre o capital social como os estudos sobre redes relacionais pressupõem a integração das esferas política, econômica e social. Assim, defendem que as relações sociais influenciam e são influenciadas por mercados e estados, enfatizando a necessidade de fortalecer as relações sociais entre atores por meio do empoderamento dos cidadãos e da cooperação sistêmica, tornando-as estáveis e confiáveis. O conceito de capital social, então, põe acento sobre vários fatores que não são novos: confiança, normas de reciprocidade, redes, formas de participação civil e regras ou instituições tanto formais como informais (OSTROM, 2003). Desse modo, a contribuição da perspectiva do capital social consiste em incorporar esses fatores aparentemente diversos para o âmbito da ação coletiva e é extremamente útil compreender os seus usos em processos de desenvolvimento de populações tradicionais.

Esse conjunto de questões serviu de subsídio para as considerações apresentadas neste artigo. Trata-se de dados e reflexões obtidas por meio de uma pesquisa realizada junto à organização de mulheres indígenas¹ Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij² e ao empreendimento econômico Hotel Taseolotzin, pertencente à organização. O objetivo foi verificar a possibilidade de o capital social de cunho étnico configurar-se em um instrumento de transformação social, sendo ao mesmo tempo um mecanismo de desenvolvimento comunitário. Nessa perspectiva, o capital social étnico, como instrumento de mudanças, foi considerado em três âmbitos: na consciência social dos atores, nas relações sociais cotidianas e na geração de renda.

A formulação teórica acerca do capital social étnico (CHONG, 2008) é tributária do conceito de capital social comunitário desenvolvido por Durston (1999, p. 103), entendido como o “conjunto de normas, instituições e organizações que promovem a confiança e a cooperação entre as pessoas da comunidade e a sociedade em seu conjunto”. Segundo esse autor, o capital social comunitário é uma forma particular de capital social, que envolve o conteúdo informal das instituições e que tem como finalidade contribuir ao bem comum. Nesse sentido, entre os próprios teóricos fundacionais do paradigma do capital social, há dúvidas sobre a possibilidade prática de construir este capital em grupos que carecem dele.

¹ O presente trabalho não tem por objetivo tratar da temática das desigualdades entre homens e mulheres como foco principal. A aproximação de questões específicas de gênero ocorrem apenas de modo complementar.

² Chamada pelas mulheres de Masehual Mosenyolchikauanij, seu nome vem da língua náuatle, cuja tradução significa “mulheres que trabalham juntas e se apoiam”.

Dessa forma, o capital social comunitário envolve

las normas culturales de confianza y las redes interpersonales de reciprocidad son “precursores” de aquellas instituciones, más complejas y orientadas por normas de bienestar común, que constituyen el capital social comunitario y que emergen de estos precursores a nivel de comunidad o de sistema social. Para algunos autores el capital social está constituido por todos los lazos interpersonales que puede activar un individuo, los que corresponden a lo que ya se conocía como redes egocentradas de reciprocidad difusa. Y, en el otro extremo, la definición de capital social comunitario (desde la perspectiva neoinstitucionalista) que se desprende de Putnam y de North —según la cual el capital social sería lo que produce cooperación y civismo, de modo que si hay civismo habrá capital social [...]. Lo que aquí se plantea, en cambio, es i) que el capital social comunitario no es un recurso individual sino una forma de institucionalidad social (del conjunto, en este caso de la comunidad local); y ii) que los participantes del capital social comunitario (en forma explícita o implícita) plantean el bien común como objetivo, aunque éste puede no lograrse. Por otra parte, y a diferencia de las instituciones formales de bien común (cooperativas, por ejemplo) que existen “en el papel”, el capital social comunitario está constituido por normas, prácticas y relaciones interpersonales existentes y observables. Es la institucionalidad informal dentro y fuera de las organizaciones formales, a nivel de comunidad o sistema social más amplio, que determina cómo funcionan tales organizaciones en la práctica. (DURSTON, 1999, p. 104).

Os dados aqui apresentados foram obtidos por meio do acompanhamento sistemático de reuniões e atividades do grupo durante todo o primeiro semestre do ano de 2017. Nessas ocasiões, utilizou-se a técnica da observação participante. Posteriormente, foram realizadas cinco entrevistas em profundidade, analisadas por meio das técnicas tradicionais de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Quatro delas foram feitas com mulheres que pertencem à organização desde a sua constituição, e a outra com uma assessora que desenvolve atividades com o grupo há mais de 20 anos.

2 Cuetzalan del Progreso e o protagonismo da organização Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij

Cuetzalan del Progreso é um município situado na Serra Norte do Estado de Puebla, no México, em meio a uma cadeia montanhosa exposta a altas precipitações, com chuvas durante dez ou onze meses ao ano. Por suas características climáticas e com abundante vegetação, a região se destacou historicamente pelo potencial econômico das atividades rurais. Trata-se de uma terra de “povos mágicos”, como ficaram conhecidos os povos que habitam e habitaram a localidade. Segundo Rivera Rosales (2005), o nome Cuetzalan tem origem nas tradições nahuas e reporta à ave Quetzalt, que significa “coisa brilhante, bonita”, e à palavra Lan, que significa “junto, próximo”. Desse modo, Cuetzalan significa “junto das aves preciosas”.

As populações locais são remanescentes de povos que pertenceram ao lugar chamado Totonacapan, fundado no ano de 200 a.C. pelos Totonacos, como demonstram as evidências arqueológicas localizadas no município. Segundo

Manzanares (1998), os grupos sociais que se estabeleceram nessa área são variados. Destaca-se aqui o campesinato pobre indígena, o mais numeroso, que tem de recorrer à venda temporária de sua força de trabalho para garantir a reprodução da unidade familiar. No passado, a região foi uma importante rota comercial graças à sua situação geográfica, entre o altiplano e a costa litorânea. Atualmente, é considerada uma importante rota turística e tem na atividade agrícola seu principal ativo econômico, destacando-se pelo cultivo do café e da pimenta. No entanto, a realidade socioeconômica do município não é tão glamourosa quanto seu passado.

Segundo a base de dados do Instituto Nacional de Estadística y Geografía-INEGI/México, Cuetzalan possui uma população de cerca de 50 mil habitantes. Dessa população, 52% é feminina e 80% vive na zona rural. O município apresenta um alto grau de marginalização³ e rezago social⁴. A taxa de analfabetismo entre os habitantes com mais de 15 anos encontra-se em 20,3%. Soma-se a esses dados o fato de o município apresentar uma taxa muito baixa de migração/emigração e chega-se a uma realidade em que 80,8% da população se encontra em situação de pobreza, com 42,2% desta vivendo em situação de extrema pobreza.

Para um contingente expressivo da população local, as opções de inserção social e laboral encontram-se vinculadas às atividades de produção agrícola e na produção e comercialização de artesanato, essa última de predominância feminina. Com esse cenário como pano de fundo, um grupo composto por mulheres indígenas de seis comunidades – Pepexta, Chicueyaco, Xiloxochico, San Miguel, Cuauhtamazaco, San Andrés Tzicuilan – localizadas no município, resolveram fundar, no ano de 1985, a Masehual Mosenyolchikauanij.

A ação empreendida pelas mulheres indígenas, para além das questões econômicas, visava à superação das relações sociais de produção e de clivagens sociais estabelecidas, por meio da valorização de tradições e características culturais. Inicialmente, esse grupo de mulheres integrava a cooperativa Tosepan Titatanise⁵, que surgiu das ações do movimento Cooperativo Indígena de la Sierra Nororiental de Puebla no ano de 1977. Naquele momento, propunham encontrar soluções para problemas, como a carência alimentar, que afetava a população de maneira geral. Nos anos 1980, a organização se amplia e se transforma na União das Cooperativas Tosepan⁶, incorporando oito cooperativas regionais e três associações civis, destacando-se na produção de café e pimenta.

³ O índice de marginalização é uma medida resumo que permite diferenciar as entidades federativas, municípios e localidades de acordo com as carências apresentadas por sua população.

⁴ O índice de rezago social (atraso social) é uma medida ponderada que resume quatro indicadores de carências sociais (educação, saúde, serviços básicos e o número de pessoas vivendo em uma mesma casa em relação a seu espaço físico).

⁵ Na língua náuatle, Tosepan Titatanise significa “Unidos Venceremos”.

⁶ Segundo os dados divulgados pela Tosepan, atualmente a cooperativa agrupa cerca de 30 mil famílias em toda a região, distribuídas em mais de 400 cooperativas locais pertencentes a 26 municípios da serra nordeste do Estado de Puebla. Em sua maioria são pertencentes aos povos originários Nahua e Tutunaku. (Disponível em: <<http://www.tosepan.com/>>. Acesso em: 28 out. 2017.)

Se, de um lado, o desenvolvimento da Tosepan se destacava como uma importante experiência em termos de organização coletiva para produção, de promoção da identidade cultural por meio de práticas tradicionais, de preservação ambiental e na tentativa de superação do monopólio da distribuição e comercialização de bens de consumo na região, por outro não conseguia estabelecer melhores práticas de comercialização, pois a produção era em grande medida comercializada para atravessadores, aqueles que ficam com a parte maior dos ganhos. Na mesma medida, reproduziam relações sociais de produção fundamentadas na distinção entre o trabalho masculino e o feminino e de subordinação social sustentadas em desigualdades econômicas, étnicas e de gênero. As mulheres, além de contribuir na produção do café e da pimenta, ainda promoviam a comercialização de produtos artesanais característicos da região, como a produção têxtil. Inconformadas com a situação de subordinação, a falta de autonomia e o não reconhecimento da importância de seus trabalhos, as mulheres indígenas de Cuetzalan idealizaram, em 1985, a criação de uma nova cooperativa, como atestam suas falas:

entonces ellas formaron parte de esa organización amplia, donde hay hombres y mujeres. Entonces ahí es donde el grupito empieza a generarse pero estando ahí pues se dieron cuenta de que los hombres querían controlarlas, ¿sí? Entonces ellos querían decidir sobre ellas, tenían que pedir permiso pues para realizar sus actividades a veces se las negaban, el dinero pues los tenían ellos, lo manejaban ellos. Entonces dijeron ellas no, pues así no queremos, ¿no? Queremos autonomía. Entonces deciden salirse de esa organización grande de productores, salen y entonces ellas conforman ya la organización Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij (entrevistada 1).

[...] nosotros nos organizamos es para vender nuestras artesanías textiles. Empezaron dos comunidad que fue San Andrés Tzicuilan y San Miguel Tzinacapan, y ahí hubo apoyo de la Universidad Autónoma Metropolitana de Xochimilco – CDMX, una estudiante empezó a organizar el grupo y las compañeras les interesó también para vender nuestras artesanías e iban a vender a las universidades porque todo trabajamos los textiles, bordados, todo lo que compramos acá. Y también se formó los comités em cada comunidad. Estamos trabajando, somos seis comunidades... (entrevistada 5).

[...] fueron más o menos como cerca de 200 mujeres las que empezaron ya a conformar esa organización de mujeres. Y de hecho fue la primera organización de mujeres indígenas. Que a partir de ahí, pues viendo otras mujeres este ejemplo, podemos decir, pues empezaron a brotar, a salir muchos grupos y muchas mujeres que estaban motivadas, interesadas en decir, bueno, pues es que si ellas lograron hacer esto, pues nosotras vamos a poder también (entrevistada 1).

A importância da criação da organização Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij vai mais além da criação de um espaço de geração de renda, por meio da produção e comercialização de produtos tradicionalmente desenvolvidos pelas mulheres indígenas. Está profundamente associada ao desenvolvimento socioeconômico da região, à garantia dos direitos associados à cidadania e às transformações das relações familiares. Nesse sentido, serviu de motivação para outras mulheres, fato que culminou na organização de outros grupos. O conjunto dessas organizações tem caminhado para a superação de situações que vão desde a pobreza extrema à questão da violência doméstica. Segundo as informantes:

eso fue también como que el boom de muchos grupos, muchas organizaciones de mujeres que se dieron aquí em Cuetzalan. Entonces las compañeras pues empezaron a trabajar mucho en la producción, en la comercialización de sus productos, pero también empezaron a ver que era importante trabajar en otros proyectos también económicos, otros proyectos también de bienestar, entonces considerando también importante pues el cuidado del medio ambiente, el bienestar también de las mujeres... (entrevistada 2).

Entonces, a la par se da pues los proyectos económicos, pero también en la capacitación, le podemos llamar, a través de talleres que nos ayudaran a pensar más sobre la problemática de la mujer. Y pues ahí, se hablaba pues de los derechos de las mujeres. Se hablaba también de la salud sexual y reproductiva, se hablaba de medio ambiente, se hablaba de los proyectos económicos. Era así como que diversos temas de la problemática también de la mujer. Y pues ahí algo también importante fue que cuando se habla de los derechos de las mujeres, se empieza a generar que las mujeres pues se expresen que viven violencia por parte de sus esposos o sus parejas, o de las mismas personas que están a su alrededor (entrevistada 5).

A superação das situações de poder e violência no âmbito doméstico se dará, como se evidencia a seguir, por meio da atuação direta da Masehual Mosenyolchikauanij e de um grupo de promotoras sociais que assessorou as mulheres.

Nosotras protegíamos a las mujeres en nuestra propia casa arriesgando nuestra vida y la familia. Yo me acuerdo que vino una señora, que me conocía, que era de una comunidad lejana, se relacionó con un policía, ¿sí?, ¡que Dios de mi vida!, cuando llegó yo la vi toda ensangrentada y dije, ¡uy, madre! “mi marido me pegó y quiero que me apoyes”. Entonces pues sí, era protegerla y decir, “Dios de mi vida, a ver si no viene aquí el marido y me pega”. Entonces nosotras acompañábamos en las autoridades y pues ahí también para defender porque las autoridades no les hacían caso a ellas. Entonces les hacían caso pues a los esposos, a los hombres. Y siempre les decían: “es que seguramente te pega porque tú no cumples como mujer, tú no haces bien la comida”, pues para nosotras era difícil (entrevistada 2).

Pues ya, nosotras nos independizamos y formamos el Centro de Asesoría y Desarrollo entre Mujeres (CADEM) y empezamos a acompañarlas a denunciar, pero las mujeres ya fue algo que pudieron lograr a través de la organización Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij en estos talleres de los derechos. Porque las mismas mujeres empezaron a decir, porque tenían que pedir permiso y si les daban pues era llegar, era enfrentarse al problema de que el esposo estaba enojado o que ya le pegaba y todo. Entonces fue así como que al conocer sus derechos pues empezaron como a liberarse. [...] Entonces se empieza a conformar de las que venían a participar em los talleres, en los encuentros, se empieza a dar esta idea de decir “sí, hay que abrir em espacio donde podamos ser escuchadas, donde podamos pues ora sí ejercer también nuestros derechos y que nos hagan valer nuestros derechos”, y entonces se impulsa em Casa de la Mujer Indígena (entrevistada 1).

⁷ Atualmente o projeto conta com 18 casas espalhadas pelo território nacional do México. Para maiores informações, consultar: <<https://www.gob.mx/cdi/acciones-y-programas>>.

⁸ O hotel foi inaugurado em setembro de 1997.

⁹ Trata-se de um fundo criado pelo governo mexicano cujo objetivo é impulsionar o trabalho produtivo e empresarial da população rural, indígenas e grupos de áreas urbanas vulneráveis.

O trabalho desenvolvido pelas mulheres no combate à violência doméstica foi tão exitoso que a Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas-CDI, com base nessa iniciativa, resolveu criar o programa Casas de la Mujer Indígena, cujas ações visam a garantir o acesso aos direitos das mulheres indígenas, especialmente os sexuais e reprodutivos, e o direito a uma vida livre da violência.⁷ Como destacado nas falas anteriores, a organização buscou promover a diversificação de suas atividades econômicas. Nesse contexto, surge no seio da organização, a ideia de criar um hotel para gerar empregos e melhores oportunidades de qualidade de vida para o grupo. Inicialmente, 55 famílias que faziam parte da Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij se associaram para a constituição de uma nova cooperativa. Nascia naquele momento o Hotel Taselotzin⁸, cujo nome vem da palavra náuatle *taselot*, que significa “o pão e o sal de cada dia”. A construção do hotel foi possível graças ao aporte de recursos por parte dessas mulheres e um empréstimo obtido junto ao Fondo Nacional de Apoyo para las Empresas de Solidaridad-FONAES⁹.

É importante destacar que, embora seja uma cooperativa formalmente constituída, com objetivos sociais e econômicos e cujo controle e direção se realizam coletivamente seguindo os preceitos do cooperativismo, a denominação “organização” é adotada pelas mulheres para que se evidencie uma diferenciação ante as relações sociais

de produção vivenciadas quando faziam parte da cooperativa Tosepan.

A criação de um hotel de propriedade de mulheres indígenas ensejou velhos e novos conflitos, dos quais destacam-se os enfrentamentos com a população de Cuetzalan e as dificuldades impostas pelos vizinhos no que tange à construção do hotel. Segundo os relatos,

¹⁰ O hotel situa-se em uma região alta da cidade.

[...] también el trato también en las mismas tiendas con los que tenían dinero o el control de todo eso, era muy humillante también el trato, como le trataban a las personas y muchos de nosotros interveníamos en eso, ¿no?, o sea “por qué lo tratas así o por qué le pones sobrenombre, ¿no?”, porque era así como que muy despectivamente. A las mujeres les decían Marías o “esa indita”, así como que sobrenombre, les llamamos nosotros, ¿no? Entonces, algunos todavía “ahí viene la indita” (entrevistada 2).

Cuando ya empezamos a construir nos empezaron a bloquear las entradas para que no subiera el carro con los materiales¹⁰. Entonces ahí abajo, para que cargáramos los materiales nosotras ahí abajo y acá abajo, y así muy humillante, los vecinos también pues se expresaban mal de las mujeres y decían “pues estas mujeres tan fieras qué vienen a hacer acá, viejas indias, o sea lárquense, o sea no las queremos acá”, pero ora sí que la fuerza y el poder de las mujeres pues no fue motivo para que ellas pues hicieran caso, ¿no? Pues sí, teníamos que cargar los materiales, ya sea por acá o por allá. Y todo fue un esfuerzo también muy grande pero pues finalmente se logró construir (entrevistada 5).

No fue nada fácil, fue algo muy difícil porque pues decían, “no, cómo vamos a, primero, endeudarnos y qué tal si no funciona, ¿no?” Entonces, no, pues es que no había antes espacios o hoteles, podemos decir, aquí en Cuetzalan, pero estamos hablando de esto ya tiene, van a ser 20 años. Aquí en Cuetzalan había como 3 o 4 hoteles, en manos de una sola familia, y entonces cuando se pensó en esta idea pues sí como que teníamos miedo también (entrevistada 3).

O hotel conta atualmente com 100 famílias associadas ao empreendimento e tornou-se uma referência na região¹¹. Promovem a difusão das práticas de sustentabilidade ambiental e, entre os serviços oferecidos, destacam-se os banhos de temazcal¹², massagens e a fitoterapia, em que se aplicam saberes e práticas tradicionais que são transmitidos de geração a geração. O turismo ecológico também é fomentado pelo grupo como forma de promover um uso sustentável dos recursos naturais da região. Na entrada do hotel, são comercializados produtos artesanais (vestimentas, cosméticos, produtos fitoterápicos, etc.) produzidos pelas mulheres do grupo e por mulheres indígenas que não fazem parte da associação.

¹¹ Inspirados no sucesso do empreendimento, outros hotéis foram criados na região, a exemplo do hotel Tosepan Kali.

¹² O temazcal é um banho a vapor empregado na medicina tradicional e nas religiões das culturas mesoamericanas. Temazcal, na língua náuatle, significa “casa de vapor”.

3 Capital social étnico: transformação e desenvolvimento comunitário

No contexto da presente pesquisa, desenvolvimento comunitário deve ser entendido para além do acesso econômico, como um sobrepujar de situações que comprometem a dignidade de seus membros, sua cidadania, sua condição humana, do ponto de vista moral e político (PIZZIO, 2009). Caride, Freitas e Callejas (2007) se referem ao desenvolvimento comunitário como uma forma de concretizar o protagonismo das comunidades locais nos processos de transformação e mudança social que as afetam. Nessa perspectiva, o capital social étnico compartilhado na organização Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij tem contribuído para transformações nos três âmbitos anteriormente mencionados: na consciência social dos atores, nas relações sociais cotidianas e na geração de renda.

3.1 Mudança na consciência social dos atores

A consciência social pode ser definida como um conhecimento que permite às pessoas vivenciarem, experienciarem ou compreenderem aspectos de sua realidade social. Trata-se de um conhecimento reflexivo. No âmbito da sociologia, o conceito possui uma longa tradição, frequentemente associado à consciência de classe. Lukács (2003) define a consciência de classe como o processo pelo qual um determinado grupo ou classe social adquire consciência de sua existência e posição no processo social e econômico e, desse modo, pode lutar de forma unificada por seus interesses. As falas a seguir indicam que os sujeitos da

pesquisa vivenciaram uma alteração em seu nível de consciência social.

Yo ya tengo mi poder yo voy a hacer lo que yo quiera. Ahorita nadie que nos diga los políticos apoyamos, nadie lo queremos nosotros. Nosotras mismas sí queremos, participar, votar o no votar, es decisión de nosotras mismas. Porque cuando son los políticos traen muchas cosas, muchos problemas, a nosotras no nos gusta (entrevistada 3).

Otra cosa importante también, como Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij, pues impulsamos que andamos en muchas cosas, pues impulsamos la candidatura de la compañera Rufina para que fuera presidenta de acá. Ya tiene años, pues realmente fue una experiencia muy bonita, muy interesante. La organización se dio a conocer más. No pudo quedar como presidenta pero fue regidora de aquí del ayuntamiento, entonces eso también es algo importante como organización (entrevistada 1).

A pesar de todo el trabajo que se ha hecho, pues hablar de la identidad indígena, de los derechos humanos, de los derechos de las mujeres, desde una manera bombardeamos a través de una radio que hay acá, ahorita ya hay otras de radios, aparte de la Tosepan ya tienen otra radio. También ellos han crecido mucho, y entonces como que pues sí se difunden mucho los derechos de los indígenas y de las indígenas, de las mujeres (entrevistada 4).

As mulheres indígenas atingiram outro estágio de conscientização tanto no âmbito individual como no coletivo. No plano individual, passaram a expressar uma maior capacidade de se autodeterminar. Suas falas manifestam uma autonomia para tomar suas decisões livremente, o que antes era inexistente. No plano coletivo, a capacidade de autodeterminação enquanto grupo étnico vincula-se às suas inserções como sujeitos de direitos e à necessidade de a organização coletiva ter maior participação e representação local.

3.2 Transformação nas relações sociais cotidianas

A realidade social das comunidades tradicionais em Cuetzalan não é um dado acabado. Ela se constitui diariamente como resultante de uma dinâmica na qual os atores interagem estabelecendo relações entre si e com a sociedade. Nas entrevistas e nas observações de campo, foi possível constatar uma mudança no conjunto das relações sociais que tradicionalmente subordinaram as mulheres indígenas numa hierarquia social sem equivalência. Percebeu-se que, em algumas situações, está ocorrendo, ainda que de forma um tanto tímida, a superação de certos padrões de conduta e valorização social há muito arraigados na vida cotidiana local. Pôde-se observar uma mudança nos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres no que tange à organização da produção e da vida social.

Digamos que por ejemplo las que yo he visto más participación de las socias como tal. Por ejemplo, ya las hijas de socias no se involucran mucho en las actividades de ellas, por lo mismo de que van a la escuela, sus esposos trabajan. En algunos casos, por ejemplo, el marido le ayuda cuando hay un pedido grande, pues le ayuda a la mujer a hacer algo! Por

ejemplo, en mi caso, si tenemos un pedido grande, nosotros trabajamos, entonces el esposo de mi suegra es el que hace el aporte para hacer como las bases del producto y ya mi suegra es la que teje. Entonces veo como el aporte del hombre para con la mujer (entrevistada 4).

Anteriormente tampoco me dejaban salir sola de casa, siempre salía con mi mamá, cuando yo llegaba de la escuela tenía que prepararles la comida a todos mis hermanos (cinco) y hacer las labores domésticas, lo cual no me dejaba tiempo ni para hacer mi telar. Pero cuando me integré a la organización y debía ir a las reuniones era cuando escapaba de esa rutina y podía realizar otras actividades. Ahora puedo ir sola a la organización y trabajar en el hotel, ya no necesito salir con mis papás o mis hermanos. Si no hubiera entrado a la organización, seguiría ahí encerrada en la cocina y en la casa (entrevistada 2).

Tiene una experiencia educativa, que es la única opción acá en la región de jóvenes de nivel secundaria, que lo que ha caracterizado mucho es esta educación intercultural que es muy importante para nosotros, refuerzan nuestra identidad cultural. Mi hijo fue uno de los primeros que quiso irse a allá. Y entonces mi hijo pues estaba muy entusiasmado y le gustó y todo, y luego invitaba a algunos compañeritos de su escuela de primaria para que fueran allá, y los llevaba allá, y los muchachitos se quedaban encantados. Pero los papás decían “no, cómo se van a ir allá, no”, eso es como que algo que no podía su mente creer que sus hijos que están acá en la ciudad se iban a ir a un lugar más pequeño. Pero ahora ya se da que los hijos de los pudientes se van para allá. Entonces ya llevan carros para que allá los muchachos se eduquen y qué cosa sorprendente ¿no (entrevistada 2).

O fato de conceber o trabalho do grupo a partir de uma perspectiva de gênero, classe e etnia tem contribuído cada vez mais para a superação de relações de subordinação e para a emancipação social. Uma vez que a vida social e laboral dessas mulheres esteve historicamente delimitada por padrões culturais tradicionais, a autonomia para a mulher não existia – e em alguns casos ainda não existe –, sua condição para participar em outras esferas da vida social ou de realizar atividades fora do espaço doméstico sempre dependeu da anuência do pai ou do marido. As conquistas efetivadas por elas até aqui vêm alterando lentamente essa situação.

3.3 A geração de renda

A experiência organizativa do grupo Masehual Siuamej Mosenyolchikauanij tem se constituído em um campo de possibilidades de instauração de projetos coletivos e de geração de renda para as comunidades tradicionais em Cuetzalan. Embora a capacidade de incorporação de novos membros seja uma limitação característica desse tipo de organização (PIZZIO, 2009), ela tem contribuído positivamente para o desenvolvimento econômico na região. É o que atestam os seguintes depoimentos:

A veces escucho, “ya, pues es que ya perdí el miedo estando en la organización”, o “ya terminé mi casa”, porque aquí se les da. Por ejemplo, en el hotel, las compañeras que no son dueñas o socias del hotel se

benefician con la venta de sus artesanías y, por ejemplo, nosotros no pedimos como un aporte extra por llevar la venta de artesanías o de sus prendas. Más bien nos solidarizamos en ellas, nosotros apoyamos sus ventas. Entonces, bueno, de alguna manera, pues también nos apoyamos entre compañeras y pues sí eso es beneficio para todas las compañeras (entrevistada 3).

Aquí también se van incorporando los hijos, las hijas, de las mismas socias. Quienes les interesa participan acá. Y son sus familias quienes se benefician trabajando y todas las demás, pues sus artesanías aquí las tienen y todo eso [...] Entonces como que se han generado muchas actividades, la mayoría de las personas están involucradas y sobre todo las mujeres en muchas actividades (entrevistada 4).

Y por ejemplo, ahorita que ya hay un nuevo proyecto, que es el de turismo comunitario, entonces en ese proyecto, pues ya entran compañeras también que no son socias del hotel, pero son socias de la organización y pues se benefician cada verano en recibir a una persona, se van a sus casas, reciben una compensación por esa visita y pues es un apoyo extra en verano. Entonces, pues vienen personas de todo el mundo. Podemos decir, aquí se hospedan, vienen grupos de estudiantes de otros países. Y, em verdad beneficia a toda la comunidad y a la ciudad de una manera general. El comercio local, el turismo todos ganan (entrevistada 5).

Quanto a outros projetos que estão sendo desenvolvidos pelo grupo, destacam-se uma loja para venda de artesanatos, uma farmácia de medicina tradicional e os projetos de turismo ecológico. Sem dúvida, o fato de possuírem tais empreendimentos é relevante não somente no aspecto econômico, mas por romper com uma lógica há muito estabelecida na região e que diz respeito ao fato de os indígenas não possuírem negócios próprios, ainda mais nas áreas de maior concentração comercial. Historicamente, os negócios nessas áreas pertencem aos brancos e aos mestiços da região.

É importante salientar que os tópicos abordados nesta seção se encontram separados apenas para fins analíticos. Na prática, esse conjunto de questões encontra-se imbricado e apoia-se mutuamente. Nesse sentido, as transformações sociais observadas são consequência de uma série de fatores que se influenciam reciprocamente. Não se pode pensar aqui em alterações na estrutura de *status* sem considerar o processo de conscientização de classe vivenciado pelos sujeitos. Do mesmo modo que não se pode pensar em autonomia sem levar em conta as condições econômicas que garantam independência e voz.

Considerações finais

A confiança e a cooperação enquanto fenômenos observados devem ser interpretados enquanto fato social (DURKHEIM, 2007). Desse modo, a compreensão do comportamento dos agentes deve considerar os valores, as expectativas culturais e a sociabilidade dos sujeitos. Nesta pesquisa, percebeu-se que tanto a confiança como a cooperação se encontram alicerçadas em um

sentimento de segurança mútua, estabelecido por meio da convivência cotidiana dos sujeitos, em que os elementos culturais (valores e práticas) operam como normas e sanções da conduta social. Nesse processo, a disposição dos sujeitos para cooperar se deve ao fato de ambos estarem inseridos em estruturas sociais comuns, ao sentimento de pertença e ao compartilhamento de uma mesma identidade cultural¹. E aqui convém recordar que “a identidade de um indivíduo se define principalmente pelo conjunto de pertença social. [...] O pertencimento social implica compartilhar, ainda que parcialmente, os modelos culturais de um grupo ou coletivo” (GIMÉNEZ, 2007, p. 62-63).

Tomando por base o estudo realizado e trazendo o debate para o âmbito dos estudos regionais, pode-se dizer que o capital social étnico é um recurso potencial para o desenvolvimento das comunidades tradicionais de um território ou região. Além de contribuir para uma ampliação plural dos temas que se encontram envolvidos nas políticas e projetos de desenvolvimento, permite a inclusão/integração de um maior contingente de atores sociais em processos de gestão local do desenvolvimento. Uma vez que o tema tem um caráter inovador em termos teóricos/conceituais, são necessários maiores aprofundamentos empíricos, fundamentalmente quando se trata de estudar sociedades desiguais e profundamente hierarquizadas como as da América Latina. O desenvolvimento do capital social étnico, seu acúmulo e a maneira como as comunidades se apropriam dele e o utilizam para fins de agência são questões que demandam melhor compreensão.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARIDE, J.; FREITAS, O. & CALLEJAS, G. **Educação e desenvolvimento comunitário local**. Porto: Profedições, Lda. /Jornal a Página, 2007.

CHONG, N. G. **Sistema de consulta de organizaciones políticas y conflictos étnicos en las Américas**: una propuesta de plataforma digital. Proyecto de investigación, 2008.

COLEMAN, J. **Fundamentos de teoria social**. Madri: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2011.

D'ARAUJO, M. C. **Capital social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

¹ As identidades sociais são plurais. Nesse sentido, é conveniente observar que as identidades de gênero possuem um papel importante nos processos aqui descritos. Esse importante aspecto não foi abordado devido à especificidade do estudo em tela. Para uma ampliação do debate sobre identidade de gênero e desenvolvimento realizado com a organização Masehual Mosenyolchikauanij, ver Manzanares (1998).

_____. **Desigualdades multiplicadas**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2003.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURSTON, J. Construyendo capital social comunitario. **Revista de la CEPAL**, n. 69, p. 103-118, dic. 1999.

GIMÉNEZ, G. **Estudios sobre la cultura y las identidades sociales**. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 2007.

LABASTIDA, J; CHONG, N. G.; FLORES, J. **Governabilidade em Oaxaca: municípios de competência partidária y usos y costumbres**. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Sociales – UNAM, 2009.

LOPES, J. R. **Ajustes globais, novos condicionamentos sociais e políticas públicas**. Um estudo do contexto econômico regional do Vale do Rio dos Sinos, RS. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – Unisinos. Projeto de Pesquisa. 2007.

LIFSCHITZ, J. A. **Comunidades tradicionais e neocomunidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MANZANARES, P. A. La organización de las mujeres indígenas como instrumento de cambio en desarrollo rural con perspectiva de género. **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid, 28, p. 189-213, 1998.

OSTROM, E. Una perspectiva del capital social desde las ciencias sociales: capital social y acción colectiva. **Revista Mexicana de Sociología**, México, D. F., año 65, n. 1, p. 155-233, enero-marzo 2003.

PIZZIO, A. **A qualificação social nos empreendimentos econômicos solidários: um estudo sobre trabalhadores empobrecidos**. Palmas: Editora da Fundação Universidade do Tocantins – UNITINS, 2009.

_____. **Relatório de pesquisa: Resiliência e desenvolvimento em comunidades tradicionais na Amazônia**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Processo nº 409572/2013-6. 2015.

_____. Capital social étnico y desarrollo en comunidades tradicionales: un estudio comparado entre Brasil y México. **Relatório de pesquisa**. México: Instituto de Investigaciones Sociales – UNAM, 2017.

PIZZIO, A.; CLETO, E. A. T. Resiliência e reconhecimento em neocomunidades: o caso da comunidade quilombola Morro de São João (TO). **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 13, n. 3, set./dez. 2016.

PORTES, A. **Economic sociology: a systematic inquiry**. Princeton: Princeton University Press, 2010.

PUTNAM, R. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RIVERA ROSALES, C. **El despertar de las mujeres quetzal a otra identidad social**. 2005. Disponível em: <<http://base.d-p-h.info/en/fiches/dph/fiche-dph-7129.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Tradução Marie-Anne Kremer. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

Outras fontes consultadas

Comisión Nacional para o Desarrollo de los Pueblos Indígenas (CDI) – <<https://www.gob.mx/cdi>>.

Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI/México) – <<http://www.inegi.org.mx/>>..

Unión de Cooperativas Tosepan – <<http://www.tosepan.com/>>.

Alex Pizzio. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade Federal do Tocantins. alexpizzio@gmail.com.

Submetido em: 06/11/2017

Aprovado em: 20/12/2017